



8ª Sessão

12 de junho de 2002

sinopse por Andréa Naccache

O tema da sessão é *poesia*. As duas próximas, que encerram o seminário neste semestre, versarão, respectivamente, sobre *silêncio* e *responsabilidade*. Assim Forbes compôs uma trilogia para essas três últimas sessões. Os temas são conexos, vinculados ao que a análise objetiva nos dias de hoje: não um maior autoconhecimento, mas a modificação da relação da pessoa com o seu gozo.

Uma leitura da história da psicanálise proposta por Jacques-Alain Miller, em colaboração com Éric Laurent, na 15ª aula de seu curso atual, evidencia a cisão do movimento analítico em duas correntes: objetivista e relacionista.

I. A corrente objetivista tem seu marco no trabalho de Heinz Hartmann^[1]. Expoente da Psicologia do Ego, Hartmann assumia como meta da análise a sobreposição do princípio da realidade ao princípio do prazer e situava a transferência como algo a ser curado: um elemento de ilusão do analisando, em oposição aos aspectos de realidade a que o analista deveria conduzi-lo. É um pensamento análogo ao de Thomas Szasz (um dos precursores do movimento antipsiquiátrico), que inscreveu a noção de transferência no mesmo registro da alucinação, como projeção no analista de uma figura outra (por exemplo, paterna)^[2]. Esse pensamento, diverso do lacaniano, tem uma conseqüência que em muito penaliza a psicanálise: provocar uma vergonha de ser analisando e estar sob um suposto "domínio transferencial", comenta Forbes.

II. A corrente relacionista foi iniciada por Paula Heimann, com um artigo de 1949 ("A propos du contre-transfert"). Heimann inaugura a aplicação da contratransferência como motor de saber: uma chave de acesso ao inconsciente do analisando. Seus herdeiros fizeram surgir uma variedade de versões nessa corrente: desde a prática de *devolver* ao paciente uma resposta sobre o que ele provoca no analista, até a mais ampla exposição pelo analista do que lhe ocorre na sessão – como sugere Margaret Little, que faz da contratransferência a *pansensação* do analista.

A orientação lacaniana, retoma Forbes, oferece um outro caminho: grosso modo, trata-se de sustentar a diferença absoluta com o grupo. É sobre essa diferença absoluta, afinal, que se fará poesia, invenção.

Em um grupo, falar e ser entendido é percorrer uma cadeia significante (S-S-S-S-...). Se alguém fala e não é entendido, portanto, é porque fala fora da cadeia significante. Isso pode acontecer a um falante de sânscrito em uma sala onde ninguém conheça o idioma, por exemplo, mas pode acontecer também de modo radical, no caso em que um falante diga

algo que absolutamente ninguém entenda. O significante não entendido opera por um elemento real. Em Lacan: o real é aquilo que não cessa de não se escrever.

Com a clínica em vista, no seminário de 17 de maio de 1977 (Revista Ornitar, n^{os} 17-18), Lacan perguntava-se: costumamos fazer significantes compreendidos... será que não poderíamos criar um significante novo, que, como o real, não teria nenhum sentido?

Seria um modo de escapar ao trato da palavra como expressão, como quis Jorge Luis Borges (*L'art de la poesie*, p. 8). Para isso, a psicanálise deve romper a referência ao Outro, e o analista então se irrita com o relato pormenorizado do fim de semana do analisando, comentado na sessão anterior (diferentemente do analista winnicottiano que, ao ouvir um tal relato, preocupa-se em juntar as partes, e permite, com isso, que a pessoa se referencie nas coisas que faz).

Na aula citada, Miller mostra um reflexo dessa ruptura com a referência operada pela psicanálise lacaniana, quando critica uma prática usual nos relatos de casos clínicos: a descrição do analisando por sexo, idade, *status* familiar e profissão. Como uma ficha policial, esses relatos falam de um indivíduo e sua posição na realidade, mas não de um sujeito.

Um relato lacaniano fala de um sujeito e, por isso, põe em primeiro plano "o caso do caso clínico": o que o analista escuta desde os segundos iniciais do tratamento.

"O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta..." (Lacan, último parágrafo do Seminário XI), e Forbes mostra a que isso conduz quando localiza a singularidade: ao contrário do sofrimento, que é sempre igual e solidário, a felicidade é singular. Por isso a felicidade é difícil de suportar, como o amor que exige o enfrentamento da solidão.

No Seminário VIII, sobre a "Transferência", a mesma ruptura com o grupo: Lacan sustenta que uma análise deve fazer compreender que desejo é diferente de necessidade – o que Fukuyama e Damásio ignoram – e que o desejo apresenta em si mesmo "um caráter ameaçador para o bando" (p. 356).

Trata-se, então, primeiro de achar a radical diferença e, depois, de fazê-la passar no mundo (é o fundamento do mecanismo do passe). A radical diferença de que fala Lacan, encontramos nos poetas.

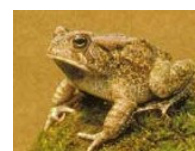
A experiência de fazer passar no mundo foi enfrentada por Carlos Drummond de Andrade quando publicou seu poema "No meio do caminho". Em sua antologia poética – *Antologia Poética* (Ed. Record) – no prefácio, o autor conta que quando o poema foi a público, em 1928, foi muito criticado, ridicularizado até (Drummond era jovem, então); mais tarde, porém, ganhou versões em várias línguas, e Drummond pôde publicar uma coletânea de toda a crítica que recebera.

Submeter-se a essa ridicularização pela estranheza é parte do destino de quem faz análise. Pertencer ao grupo e se basear em Fukuyama e Damásio é mais confortável. Por que, então, suportar a estranheza? Há sempre algo de insatisfeito no analisando. Talvez o analisando não se satisfaça com o conforto de Prozac, Xenical...

Enfim, a experiência analítica leva a pessoa a descolar-se do sentido na busca de um significante novo, real. Conduz a uma posição além da representação do objeto a , que é nomeável, significante. Pela poética, é o mesmo que perceber, com Borges, que a palavra tem corpo e que importa substancializá-la^[3].

Para isso, é preciso fazer mais que pensar. O *dizer*, diversamente do que supõe o obsessivo, não se sustenta no *pensar*. Quando o poeta diz "no meio do caminho tinha uma pedra", o pensamento o ridiculariza. Mas o poeta repete sete vezes (como fez Drummond)^[4]. Trata-se da coragem que Lacan enaltece: não ceder.

Em sua demonstração de como a literatura inspira a psicanálise, Forbes apresenta mais dois autores. Primeiramente, Paul Morand, conhecido por seus livros em viagens (especialmente *Venises*, de 1971). Na página inicial de *New York* (1930), Morand relata sua chegada à cidade. O que descreve? O encontro do mar com o rochedo, a natureza intocada do lugar, enfim: um momento anterior à colonização. O capítulo I – "A Cidade Baixa" – tem no primeiro período apenas uma palavra: "silêncio" (Flammarion, 1988, p. 25).



Em seguida Forbes lê Céline (considerado, depois de Proust, o maior escritor em língua francesa, do século 20). Céline também fala sobre Nova Iorque em *Voyage au bout de la nuit*, de 1932 (Gallimard, 1996, p. 184), mas, ao contrário de Morand, Céline é direto quanto ao que vê na chegada: “New York é uma cidade em pé”. É sua surpresa: na Europa, conheceu cidades que estão deitadas, alongam-se sobre a paisagem e aguardam o viajante; aquela cidade americana, diz Céline, não: ela não se deita, mantém-se ereta de dar medo.

Se Nova Iorque já foi tantas vezes relatada, é notável a novidade no olhar de Céline. O que uma pessoa pode almejar para o final de análise é retornar ao já visto e ser capaz da diferença. Isso permite poetar sobre o cotidiano. Forbes conclui: - “As coisas da poesia só se organizam no corpo de quem tem coragem de falar a diferença”.

Encerra com um trecho de Rilke: “procure, como se fosse o primeiro homem, dizer o que vê, vive, ama e perde. (...) Utilize, para se exprimir, as coisas de seu ambiente, as imagens de seus sonhos e os objetos de suas lembranças. Se a própria existência cotidiana lhe parecer pobre, não a acuse. Acuse a si mesmo, diga consigo que não é bastante poeta para extrair as suas riquezas. Para o criador, com efeito, não há pobreza nem lugar mesquinho e indiferente” (*Cartas a um Jovem Poeta*, Ed. Globo, 2000, p. 23).

¹¹São três os artigos de Hartmann examinados por Éric Laurent no seminário de Miller: “Comments on the Psychoanalytical Theory of Ego” (1950); “Technical Implications of Egopsychology” (1951) e “Note sur le principe de réalité” (1956).

¹²O artigo de Szasz foi publicado no *International Journal of Psychoanalysis* em 1963.

¹³A referência foi um trecho de *L’art de la poésie* traduzido por Forbes (6º capítulo, “O Credo de um poeta”, Ed. Gallimard, 2002) e entregue impresso aos participantes do seminário. A gravação desse trecho e de outros das conferências de Borges em Harvard em 1967-68 podem ser ouvidos na voz de Borges, em inglês, pela Internet (endereço www.hup.harvard.edu/features/bortcd/).

¹⁴Este é o texto integral do poema: “No meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho/ tinha uma pedra/ no meio do caminho tinha uma pedra./ Nunca me esquecerei desse acontecimento/ na vida de minhas retinas tão fatigadas./ Nunca me esquecerei que no meio do caminho/ tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho/ no meio do caminho tinha uma pedra.”

